



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**



**IDENTIDADE E LEGADO DA ARTE XOKÓ:
Um estudo de caso no Museu da Gente Sergipana.**

Vitória Lima dos Santos

Laranjeiras-SE

2025

Vitória Lima dos Santos

**IDENTIDADE E LEGADO DA ARTE XOKÓ:
Um estudo de caso no Museu da Gente Sergipana.**

Trabalho de Conclusão de Curso no Departamento de Museologia, Universidade Federal de Sergipe, como requisito básico para a conclusão da disciplina MUSEO0048 - Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador (a): Neila Dourado Goncalves Maciel.

Laranjeiras-SE

2025

LISTA DE FOTOGRAFIA

Fotografia 1- objetos indigenas.....	25
Fotografia 2- moral de nomes.....	25
Fotografia 3- mapa.....	26
Fotografia 4- texto expográfico povos originários.....	27
Fotografia 5- a feira do MGS.....	29
Fotografia 6- produto da feira, louça morena.....	29
Fotografia 7- livro de poemas.....	31

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1- documentário Xokó.....	28
Imagem 2- dia internacional indígena.....	28

LISTA DE QUADRO

Quadro 1- tabela de nomes de aldeias, grupos e regiões.....	12
Quadro 2- tabela de nomes e localização feita por Beatriz G. Dantas.....	12

LISTA DE MAPA

Mapa 1- localizações das missões.....	13
Mapa 2- comunidades atuais.....	14

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
1- INTRODUÇÃO.....	10
2- POVOS ORIGINÁRIOS EM SERGIPE.....	12
2.1- PANORAMA DOS POVOS INDÍGENAS.....	12
2.2- HISTÓRIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS SERGIPANOS.....	14
2.3- POVO XOKÓ E A MISSÃO DE SÃO PEDRO.....	17
2.4- IDENTIDADE TRADICIONAL.....	22
3- A REPRESENTAÇÃO DO POVO XOKÓ NO MUSEU DA GENTE SERGIPANA.....	23
3.1- MUSEU DA GENTE SERGIPANA (MGS).....	24
3.2- EXPOSIÇÃO DOS POVOS ORIGINÁRIOS.....	24
3.3- A RELAÇÃO DO MUSEU COM A COMUNIDADE XOKÓ.....	27
3.4- A PRESENÇA DOS POVOS INDÍGENAS NAS SALAS DE EXPOSIÇÃO DO MUSEU DA GENTE SERGIPANA.....	28
4- ANÁLISE DA EXPOGRAFIA.....	32
5- CONCLUSÃO.....	34
6- REFERÊNCIAS.....	35

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus por me guiar nessa jornada, à minha família pelo apoio constante, e à professora Neila Maciel pela parceria. Sou grata também aos professores Rômulo Gonzales e Sura Carmo por integrarem minha banca e ao Museu da Gente Sergipana por me receber de braços abertos.

Agradeço aos supervisores e educadores, e às minhas amigas Monielly Lima, Greissy Kelly e Luana Pizzly, pelo apoio, e companheirismo que fizeram essa caminhada mais leve. Ao meu coelho Marshmallow Lima, que deixou tudo mais acolhedor e trouxe alegria nos momentos difíceis, e a todos que contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui.

IDENTIDADE E LEGADO DA ARTE XOKÓ:

Um estudo de caso no Museu da Gente Sergipana.

IDENTITY AND LEGACY OF XOKÓ ART:

A case study at the Museum of the People of Sergipe.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre a cultura indígena sergipana com foco no grupo Xokó, dentro do Museu da Gente Sergipana. Mostrando como o museu pode agir como uma ferramenta de comunicação e conexão entre os povos indígenas com a sociedade Sergipana. Por meio da sua exposição sobre os povos originários apresentando como os indígenas estão no cotidiano, na cultura, nos costumes, e como fazem parte da sergipanidade, e por fim entender a identidade xokó e como ela conversa com a sergipana. Contudo, trabalhando dentro do texto tópicos como: a história dos povos originários de Sergipe, a trajetória da cultura da comunidade, a identidade tradicional xokó e a dinâmica do museu com as comunidades indígenas de Sergipe.

Palavras chaves: Xokó, Identidade, Cultura Indígena, Museu, Sergipe.

ABSTRACT

The present work aims to present a study on the indigenous culture of Sergipe with a focus on the Xoko group, within the museum of the people of Sergipe. Showing how the museum can act as a tool for communication and connection between indigenous peoples and Sergipe society. Through her exhibition on the native peoples, presenting how indigenous people are in everyday life, in culture, in customs, and how they are part of Sergipanity, and finally to understand the xoko identity and how it talks to Sergipe. However, working within the text on topics such as: the history of the original peoples of Sergipe, the trajectory of the community's culture, the traditional xoko identity and the dynamics of the museum with the indigenous communities of Sergipe.

Keywords: Xoko, Identity, Indigenous Culture, Museum, Sergipe.

1- INTRODUÇÃO

Quando a questão é referente aos povos originários e suas culturas, seus costumes, seus legados e suas identidades dentro do Brasil, logo pensamos no dia dos povos indígenas ou no “Dia do Índio” como é popularmente conhecido. Lembramos das escolas quando as crianças se pintam e faz homenagens aos indígenas com os estereótipos do índio na mata de cocais e tanga, uma lembrança do passado. Também é pouco pensado sobre como eles vivem hoje em dia, mas dificilmente pensamos sobre estes fatos, sobre sua cultura, sobre o que temos de herança deles que compõem quem somos hoje.

No contexto sergipano, esses fatos ocorrem da mesma maneira, não muito diferentes empregamos os mesmos conceitos, nos apropriamos do seu legado, da sua herança tradicional sem nos darmos conta da importância para nossa identidade.

Este trabalho tem por fim, analisar os objetos de arte da exposição do Museu da Gente Sergipana sobre os povos originários sergipanos, usando como exemplos e pontos de referência os Xokós, por serem por muito tempo a única comunidade indígena de Sergipe. Analisando como a herança desses povos e, sobretudo desse povo (xokó) atribui para a identidade cultural local e como a indígena e não indígena de Sergipe estão conectadas em vários aspectos.

Visto que, há uma separação, um distanciamento entre a comunidade indígena com a sociedade do Estado, e que o museu é uma ferramenta poderosa de informação, comunicação e educação que pode quebrar essas barreiras que os afastam, que se faz levantar esta questão e sinalizar para os museus o que ocorre. Por fim buscar maneiras para estabelecer essa relação.

Os métodos utilizados para essa pesquisa foi o estudo de caso aplicado no Museu da Gente Sergipana. Para tal fim, de início foi escolhido tema povos originários, em seguida a instituição. Com isso, seguimos para as coletas de dados, que foi realizada com técnica de análise de materiais expostos, com foco na exposição principal dos povos indígenas. A segunda forma de coleta de dados foi de análise visual e ouvinte, observando atentamente como o público reage diante da exposição.

Os dados internos coletados foram adquiridos durante o período de contrato de estágio obrigatório na instituição, o que possibilitou uma interação e comunicação maior e mais ampla com o museu.

E em conjunto com os dados foram utilizados livros e dissertações e site de referência dos povos originários de Sergipe e um livro de como de ser realizada a montagem de uma exposição. Os instrumentos e ferramentas usados foram diário de notas, notebook para digitalização e aparelho celular para realização de registro.

Para este propósito, o artigo será trabalhado em divisões, parte inicial introdução, segunda parte tópico povos originários de Sergipe, com quatro sub tópicos, terceira parte, apresentação do povo Xokó no Museu da Gente Sergipana, e quatro sub tópicos. Na quarta parte, será realizada uma análise de expografia, na qual serão abordados aspectos visuais e qual mensagem de reflexão está sendo passada para o receptor que visita a exposição, por fim, será apresentada a conclusão do estudo de caso.

2- POVOS ORIGINÁRIOS EM SERGIPE

2.1- PANORAMA DOS POVOS INDÍGENAS

No território sergipano, já houve vários grupos indígenas que eram concentrados em aldeamentos/missões, alguns desses grupos foram completamente extintos, outros se juntaram e formaram outros grupos, outros se unem com os europeus que veio povoar essas terras, outros foram embora do território, outros saíram por um período e retornaram. Nosso objetivo nesse tópico é tentar demarcar ou mapear quais eram essas aldeias/missões e quais grupos viviam nelas. Alguns pesquisadores e obras autorias dessa área de investigação conseguiram bons números de dados sobre o assunto, considerando as referências teóricas como orientações, sobretudo com base na principal a professora Beatriz Gois Dantas, obras: POVOS INDÍGENAS EM SERGIPE: contribuição a sua história (Dantas, 2024), XOKO, grupo indígena em Sergipe (Dantas, 1997, p.1 a 45) e a obra SERGIPE DEL REY: população, economia e sociedade.

De acordo com Dantas, no século XIX, em Sergipe os grupos de povos originários que existiam na época estavam concentrados nas aldeias, essas eram cinco principais que são descritas no período, cada uma em uma região diferente do Estado: Aldeia de Água Azeda na região da Grande Aracaju próximo a cidade de São Cristóvão, Missão de Nossa Senhora do Carmo de Japarutuba no leste sergipano, Missão São Félix de Pacatuba na região do baixo São Francisco, Missão de São Pedro de Porto da Folha no alto sertão sergipano e a Vila de Tomar Geru (missão de Geru) no sul de Sergipe.

Quadro 1

TABELA COM OS NOMES DAS ALDEIAS, GRUPOS E REGIÃO

ALDEIAS/MISSÕES	NOMES DE GRUPOS	REGIÃO
Água Azeda	Boimé	Grande Aracaju
N. S. do Carmo (Japarutuba)	Boimé	Leste sergipano
São Félix (Pacatuba)	Coxago	Baixo São Francisco Sergipano
São Pedro (Porto da Folha)	Uruna (Uruma)	Alto Sertão Sergipano
Geru (Tomar Geru)	Kariri	Sul de Sergipe

Fonte: (Mott p.89)

Quadro 2

TABELA NOMES E LOCALIZAÇÃO FEITA POR BEATRIZ G. DANTAS

DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Acunãs	Perto de Neópolis.
Aramurus (Aru-Marú, Arremuruz, Urumaru)	Baixo Rio São Francisco, Porto da Folha, Serra de Itabaiana.
Boimé (Boymé, Boismé)	Japarutuba, Baixo Rio São Francisco, Água Azeda, perto de Aracaju, Rio Real.
Caacicas	Japarutuba.
Caetés	Do Rio São Francisco ao Rio Real.
Carapotós (Carapotioz, Karapató)	Pacatuba, Porto da Folha.
Caxagó (Cayagós, Capajós)	Pacatuba, no baixo Rio São Francisco.
Huamay (Uamóis)	Propriá.
Kiriris (Cariri, Kariri, Quiriri, Coriré)	Aldeia do Geru (Juru), aldeia do Rio Real da Praia, Lagarto, Rio São Francisco, Propriá.
Moritses	Geru.
Natu	Pacatuba e baixo Rio São Francisco.
Oromarais	Pacatuba, São Pedro do Porto da Folha.
Romarís (Omaris, Roumaris, Reumiris, Romanéz)	Ilha de São Pedro, Ilha do Ouro, Propriá, baixo Rio São Francisco.
Tapuia	Geru

Tupinambá (Tupinambazes)	Na costa de Sergipe, do Rio São Francisco ao Rio Real. Nos rios Sergipe, Irapiranga e Real, aldeia de Água Azeda.
Tupinauês (Tupina, Tupinaens)	Entre o Rio São Francisco e o Rio Real. Vale do Rio São Francisco até Porto da Folha.
Uruma	Porto da Folha, Serra de Itabaiana (?)
Xocó, Xokó, Shocó, Chocó, Ciocó, Ceocoses	São Pedro, Pacatuba, Propriá, Neópolis, Margens do Rio São Francisco.

Fontes: Dantas (2024, p.199)

Para ajudar nas localidades do mapa sergipano foi utilizado o livro SERGIPE CULTURA E DIVERSIDADE.

Mapa 1



Fonte: google-dreamstima, acesso: 03/04/25 (com modificação)

Conforme mencionado anteriormente os povos Xokós, eram os únicos indígenas existentes de Sergipe, porém em novas pesquisas pode-se constatar que recentemente ressurgiu uma nova comunidade de povos originários em Sergipe os Fulkaxos. O grupo é uma junção de outros três povos, que de acordo com o site Anaind.org.br, os Fulkaxos vem da junção de três comunidades de onde vem o seu nome FUL dos Funi-ô de Pernambuco, o KA dos Kariri de Alagoas e o XO dos Xokós de Sergipe. Outro site o seagri.se.gov.br que fala sobre os Fulkaxos relata como que eles são os primeiros a terem uma reserva indígena em terras sergipana, sua reserva fica na região do município de Pacatuba ainda carente de algumas

assistências sociais, mas já está oficializada como mais uma comunidade indígena sergipana.



Fonte: google-dreamstima acesso: 03/04/25 (com modificação)

Contudo, podemos ver nesse tópico como era a distribuição dos povos que viviam em Sergipe, quais aldeias/missões existiam e suas localidades, e também a grande perda da diversidade de cultura e etnias que tinha no território sergipano. Lembrando que aqui está sendo apresentado um pequeno resumo para se ter uma noção de como era, os trabalhos produzidos com os povos originários de Sergipe vão muito mais além.

2.2- HISTÓRIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS SERGIPANOS

A história dos povos originários sergipanos começa muito antes da chegada dos povos europeus na América, bem antes de Pedro Alvares Cabral, chegasse ao Brasil, diferente de como é contado nos livros de história ele chegou ao Brasil não descobriu, pois, aqui já viviam grupos nativos donos dos territórios a anos bem antes da “descoberta” e conquista dos Portugueses. As primeiras culturas conhecidas em Sergipe são: a cultura Canindé, a cultura Aratu e a mais recente a cultura Tupi-guarani.

A cultura Canindé, esses grupos vivam nas proximidades do rio São Francisco, em Xingó, Canindé. Os estudos arqueológicos apontam esse povo é do

período de 9.000 AP – 1.280 AP (Antes do Presente) viviam da caça e de coleta de recursos e alimentos, em seus hábitos de caçadas, eles registravam em pinturas em paredes o que podia ajudar a entender o que fazia parte dos hábitos alimentares. Além disso, a cultura Canindé também desenvolveram habilidades em fabricar a cerâmica, entre outros artefatos, com já citado também desenvolveram os registros rupestres, possuíam rituais de sepultamentos.

A cultura Aratu, este grupo por sua vez, tem registro em várias localidades do Estado e fora dele. Do período de 800 a 1700, a tradição Aratu trata-se de uma cultura agrícola e ceramista de caçadores e coletores, sempre presente em localizações elevadas como colinas, viviam em aldeamentos com cabanas alinhadas em círculo com um espaço central ao meio, sua alimentação por meio do cultivo era de mandioca, milho, feijão e o amendoim, também possuíam o desenvolvimento das cerâmicas, e o ritual de enterramento com urnas funerárias.

A tradição Tupi-guarani possui registro mais recente nos estudos são do período 900 a 1900, esses grupos costumavam viver próximos aos rios navegantes, seus aldeamentos ficavam em terrenos baixos, eram guerreiros e canoeiros, como as duas primeiras culturas citadas aqui os tupis também possuíam habilidades na produção da cerâmica e outros artefatos, tinha seu ritual de sepultamento com urnas funerárias para enterrar seus membros junto com seus objetos pessoais, seus hábitos alimentares tinham por meio da pesca, da caça e também usufruíam da mandioca em sua dieta.

Todos esses apontamentos foram coletados do livro A pré-história sergipana de Fernando Lins de Carvalho, o mesmo livro utilizado como fonte pelo Museu da Gente Sergipana.

Anos depois, com a chegada dos portugueses começam os registros escritos dos povos mais atuais (extintos e viventes) de Sergipe. É na época do Brasil colônia onde começam a serem contados junto com a história de criação do Estado os registros que conta o convívio dos nativos com os invasores colonos. Um ótimo exemplo que relata esse momento da história, vemos na obra História de Sergipe de Felisbela Freire. De acordo com seus relatos a expansão do território pelos colonos que já havia chegado à Bahia em 1500, era para facilitar a conexão das províncias da Bahia com a de Pernambuco. Esta expansão que dará início ao território que hoje

é o Estado de Sergipe. Tais terras que já eram habitadas muito antes da presença dos portugueses, por diversos povos indígenas espalhados por todo território.

Foi por meio dessa busca por expansão territorial que deu-se início aos primeiros contatos com os povos originários dessa região, e assim oferecendo os primeiros registros que conta a história desses grupos em solo sergipano.

Sergipe naquele período possuía vários grupos diversificados exemplos, os Tupinambás na região litorânea, os Kariri ao sul, os Aramurus as margens do Rio São Francisco, entre outros que serão abordados mais a frente. Sendo assim, as terras já eram habitadas, mas os portugueses tinham o desejo de colonizar do mesmo modo. E assim se deram os conflitos pelo território, marcando Sergipe como palco de um grande extermínio em massa dessas populações indígenas, como podemos ver nas obras de Freire. Contudo, a partir desses momentos seguiram uma série de razões que contribuíram para o desaparecimento dos povos originários na história sergipana.

Para compreender o que de fato ocorreu com esses povos à pesquisa será baseada nas investigações da escritora Beatriz Góis Dantas, a qual nas suas obras vai investigar quais foram as causas que contribuíram para os desaparecimentos. De acordo com Dantas, além dos conflitos e doenças trazidas pelos portugueses que causaram mortes de vários indivíduos ou grupos inteiros, uma das causas principais foi a mestiçagem.

A mestiçagem por sua vez foi um método utilizado pelos colonos como uma forma de misturar as raças, embranquecer a população brasileira da época, esse termo ou a utilização desse ato pode ser visto em obras que fale da história brasileira e da população. No caso de Sergipe com os povos originários foi utilizado não no foco de embranquecer a população, mas para confundir as etnias dos povos indígenas com os europeus, para acabar com os aldeamentos, acabando com sua população “pura” com traços ditos indígenas, ou seja, se não tem os traços não é “índio” e se não tem nativos nas indígenas as terras estão “abandonadas” podendo ser usada pelos donos de terras da região. Esses são os argumentos utilizados pelos fazendeiros para com os poderes públicos para tomar pra si essas terras se utilizando da mestiçagem como ferramenta de conquista desses territórios, terras essas que foram dadas e asseguradas aos povos indígenas pelo próprio governo. Outro ponto que deu forças aos senhores donos de terra para usar da mestiçagem

para negar a existência de povos indígenas nas aldeias-missões foi a Lei de terras de 1850. “[...] Em setembro de 1850 foi promulgada a Lei de Terras (Lei nº 601), dispondo sobre os terrenos devolutos”. Logo em seguida o governo manda incorporar aos Próprios Nacionais terras das antigas aldeias indígenas. (Dantas, 2024, p.167).

Ainda segundo Dantas (2024, p.169)

[...] Merece ser ressaltado o uso que foi feito da ideia de mestiçagem nesse contexto. Em se tratando de populações indígenas sujeitas a longo período de cruzamento inter-racial, a mestiçagem foi o critério invocado pelos brancos para negar a existência de índios e assim apossar-se de 67 suas terras. Com efeito, o conceito de etnia no século XIX estava muito ligado a aspectos antropofísicos, especialmente à cor, e as confusões então reinantes entre raça e cultura acentuavam-nos.

Como é visto nas investigações de Dantas, com o passar do tempo esses povos não são mais descritos nas documentações como era no início da colonização. Os únicos que se mantiveram aqui foram os Xokós que continuam até hoje no município de Porto da Folha na ilha de São Pedro.

Seguindo essa linha de pensamento sobre o que aconteceu com os povos originários de Sergipe, podemos entender que nem todos os grupos que existiram foram extintos e sim se misturaram com a população da época dita como a civilizada e de bons costumes, isso significa que seus descendentes ainda estão aqui. Alguns já retomaram a sua identidade tradicional, como podemos ver atualmente acontecer em Sergipe. Em breve os Xokós não serão mais a única comunidade indígena em Sergipe.

2.3- POVO XOKO E A MISSAO DE SÃO PEDRO

Para entender a história do povo Xokó, antes precisamos conhecer a história de como surgiu o seu território e como essas terras se tornaram dos Xokós por direito.

A expansão colonial como já é conhecida se deu para fazer uma conexão da capitania Da Bahia Com a capitania de Pernambuco e para tal o fim foram entrando nas terras que hoje é o estado de Sergipe. Esses avanços coloniais fizeram com que

vários grupos migrassem para as margens do Rio São Francisco e Ali se estabelecessem. Os missionários então estabeleceram missões nas proximidades do Rio São Francisco. Uma dessas missões foi à da ilha de São Pedro no Porto da folha. De acordo com Dantas (2024, p. 134), a missão de São Pedro surgiu com o povo Aramurus, os quais foram os primeiros habitantes daquelas terras.

[...] Inserindo-se nos conflitos gerados pela expansão da sociedade colonial, os missionários reuniram vários grupos indígenas habitantes das margens do Rio São Francisco e, entre eles, estabeleceram suas missões. Destas, duas estavam no atual território de Sergipe: a missão de Pacatuba e a de São Pedro do Porto da Folha. Esta surgiu entre os índios Aramurus,⁷ habitantes da margem direita do rio, que, no início do século XVII, foram alcançados pela frente pastoril e viram suas terras serem transformadas no extenso Morgado de Porto da Folha, de cerca de trinta léguas doadas a Pedro Gomes.

Mais tarde o grupo indígena dessa região, conseguiu ter o domínio dessas terras reconhecido. Dantas (2024, p.139)

[...] Ao que tudo indica, desde o fim do século XVII, os índios da missão de São Pedro conseguiram o domínio reconhecido sobre terras. Estas lhes teriam sido cedidas por Pedro Gomes, instituidor do Morgado de Porto da Folha, que sendo ajudado pelos índios na luta contra os holandeses.

Mas, só tiveram a garantia das terras em 1562, quando o governo doa as terras para as indígenas, Assim ser reconhecido a eles os direitos sobre As terras. Dantas (2024, p. 140)

[...] Por força dessa legislação, decerto os índios conseguiram títulos que lhes asseguravam a posse legalizada e reconhecida pelo Estado sobre uma légua em quadra de terras localizadas à beira do Rio São Francisco. Segundo a tradição dos remanescentes indígenas da antiga missão, o rei é que lhes teria dado a terra, sendo plausível que os capuchinhos tenham mediado essa doação, a exemplo do que ocorreu em outras aldeias.

Ainda seguindo a história por Dantas, esse grupo passou por muitos conflitos com os donos de terras vizinhos a missão, nesse meio tempo ocorreram migrações de outros grupos para a missão de São Pedro. Assim, nos registros que se segue sobre essa missão, já no século XIX a missão de São Pedro aparece dividida por

dois grupos diferentes os povos Romaris e os povos Ceocoses. Sobre esses dois povos, Dantas diz em suas pesquisas que os Romaris seriam os nativos do local enquanto isso Ceocoses teriam vindos do outro lado do Rio São Francisco. Quem eles seriam e de onde eles vieram, Dantas (2024, p. 146) nos diz que.

[...] Os Romaris seriam talvez os Aramurus do início da missão. Quanto aos Ceocoses são decerto os Xoko, designativo que aparece associado a grupos indígenas cuja presença é registrada desde o século XVII até os dias atuais num espaço geográfico que vai de Sergipe ao sul do Ceará.

No ano de 1821 a missão passa a ser uma freguesia a população ao redor da antiga aldeia agora é uma população mista dos povos indígenas dos europeus brancos e dos pardos.

Em 1850 com o surgimento da lei de terra também surgiu uma movimentação de negação da existência dos índios, que teriam se misturado com a população civilizada como era dito na época e não viviam, mas nas aldeias-missões. Assim dando a desculpa que as terras dos indígenas não eram habitadas que estariam abandonadas sem uso e que poderiam servir para a criação de gado.

Segundo essa argumentação dos proprietários de terra e às autoridades da época deram por fim as aldeias de Sergipe por ordem da lei descrita pelo governo. Dantas afirma que, os fins das aldeias vieram por meio da negação da identidade indígena feita pelos fazendeiros que tinha interesse de ter a posse das terras indígenas (2024, p.168).

[...]Este dispositivo ambíguo, interpretado do modo que convinha aos interesses regionais, passou a ser invocado pelas autoridades da Província para pôr fim às aldeias de Sergipe mediante a alegação da inexistência de índios, que teriam desaparecido através da mestiçagem.

As terras de São Pedro não ficaram de fora desses discursos, o presidente da província achou de bom grado que fosse feito o mesmo com antiga aldeia de São Pedro de Porto da folha. Dantas (2024, p.169)

[...] Merece ser ressaltado o uso que foi feito da ideia de mestiçagem nesse contexto. Em se tratando de populações indígenas sujeitas a longo período de cruzamento inter-racial, a

mestiçagem foi o critério invocado pelos brancos para negar a existência de índios e assim apossar-se de suas terras. Com efeito, o conceito de etnia no século XIX estava muito ligado a aspectos antropofísicos, especialmente à cor, e as confusões então reinantes entre raça e cultura acentuavam-nos.

Mesmo utilizando da palavra ideológica mestiçagem, assim como afirmação de não existência do povo indígena na região, havia de fato uma população indígena sobre a direção do frei Doroteu. Onde sua presença ali afirmava que existia sim indígenas naquelas terras. Contudo um lado tenta negar a existência e o outro afirma essas contradições que eram posta em tese sempre que havia disputa pelas terras das aldeias. Esses argumentos continuaram principalmente depois da morte do frei Doroteu, a Câmara Municipal da ilha do ouro perde as partes das terras da aldeia da missão de São Pedro. Dantas nos diz (2024, p.173).

[...] Assim é que, com a morte do frei Doroteu em outubro de 1878, a Câmara Municipal da Ilha do Ouro, onde estava então a sede da Vila, pede ao imperador para “seu patrimônio uma légua de terras pertencentes ao extinto aldeamento de São Pedro”. Consultado, apressa-se o presidente em informar que o tal aldeamento se encontrava extinto e abandonado, sendo de imediata necessidade que se desse destinação conveniente aos terrenos, a fim de “acabar com as questões de terras que ali se manifestavam muitas vezes de uma maneira desagradável”.

Desse modo, as terras foram compradas pelos fazendeiros da região. Na qual a ilha de São Pedro ficou em posse de João Fernandes de Brito. Nesse período ainda existia indígena naquelas Terras, mas eram constantemente perseguidos atacados com muita violência para afastá-los da localidade os expulsando no território da antiga aldeia. Com a constante perseguição alguns indivíduos foram embora rumo ao Porto Real de Colégio em Alagoas onde existia comunidade dos Kariris. Onde os indivíduos que ficaram se submeteram ao trabalhar para os donos de terras que se apossaram do território do antigo aldeamento.

Embora tenham sido afastados das terras dos seus ancestrais os indígenas Xokós não desistiram das terras antes pertencentes ao seu povo e continuar lutando para rever seu território. Segundo Dantas alguns indígenas se juntavam para tentar ver suas terras, vendo sua possibilidade de reaver suas terras com a morte do

fazendeiro João Fernandes de Brito que até aquele momento era o proprietário das antigas terras indígenas.

Visando pelos seus direitos, os indígenas à frente dessa retomada foram ao Rio de Janeiro pedir o governo central os direitos às suas terras essas dadas pelo Rei. Continuando assim uma longa jornada pela retomada das suas terras, em sua busca pediram ajuda a diferentes tipos de poderes públicos, órgãos públicos de proteção aos povos de indígenas, como o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Recorreram a todo o que pudessem promover a inclusão à sua causa. Contudo foram várias tentativas até a década de 60 quando decidiram por conta própria retomar as terras ocupando da ilha de São Pedro. De acordo com Dantas (2024, p.184)

[...] No início da década de setenta, os Brito cercam terras na Ilha de São Pedro, que não estaria incluída na compra de 1963, e impedem os índios de plantarem. Estes, cansados de esperar pela ação dos “brancos”, reúnem-se e ocupam a ilha 110 na tentativa de reaver a terra dos seus antepassados. Ao decidido apoio que lhes dá a Diocese de Propriá se somou a solidariedade de diversos setores leigos e religiosos, inclusive do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) ligado à Igreja Católica, e setores da sociedade civil.

No entanto somente na década de 70 que de fato os Xokós conseguem ter posse das suas terras com a retomada em 9 de setembro de 1979, data comemorada anualmente com a Festa da Retomada que ocorrer na Ilha de São Pedro ou popularmente conhecida terra Caiçara. Aberta ao público, a comunidade abre as suas portas para receber pessoas de todas as partes, as quais participam da festa que conta com a participação da igreja católica, a dança Toré e seus cânticos e o ritual Ouricuri.

A festa da Retomada, uma festa realizada anualmente desde 9 setembro de 1979, está agora com 45 anos de existência marcando o grande dia da reconquista das terras da Caiçara pelos Xokós. Com isso e com base nas pesquisas de Angelita Queiroz sobre a festa da Retomada e a reconstrução da identidade Xokó. De acordo com Queiroz a festa possui três momentos e que eles são os elementos que constrói a identidade dos Xokós. QUEIROZ (2020, p.14).

[...] “Acreditamos na triangulação de elementos amalgamados para a realização da Festa da Retomada, como um conjunto de ritos que

propiciam essa celebração e é, a partir desses três elementos, que essa identidade Xoko também é construída”

São esses os elementos: O ritual Ouricuri, o retorno do ritual e o encontro com a comunidade com a presença da dança do Toré e o terceiro o encontro dos indígenas com os visitantes que seguem juntos no ritmo do Toré até o pátio central da comunidade e depois até a igreja onde continua celebrando e finalizam com uma missa, um misto de tradições, rituais e religiosidade que engloba a identidade Xokó.

Podemos ver a festa como um meio de compreender melhor esta cultura, e para eles uma forma de mostrar para todos a sua importância, suas tradições e costumes, uma forma de transmitir para as novas gerações de não indígenas e, sobretudo a indígenas os seus legados, seus conhecimentos, sua fé, a preservação dos costumes e da cultura, dos saberes e fazeres com a cerâmica que está se perdendo com o tempo. A festa é uma ferramenta de vínculos com os ancestrais, com a comunidade e com os visitantes de fora.

Atualmente a comunidade é diferente dos imaginários de muitos, vive plenamente em conjunto com os avanços da sociedade moderna se adaptando a tecnologias atuais com as maneiras tradicionais e seus costumes. Mesmo sendo uma comunidade mais reservada, eles são socialmente ativos e participativos em muitos eventos, exemplos disso é a participação deles na Universidade Federal de Sergipe com seminários palestras entre outras participações, vale ressaltar o vínculo com a Universidade e com outras instituições como o Museu da Gente Sergipana. Assim pode-se concluir que eles não vivem isolados como muitos imaginam, são bem ativos na sociedade, mesmo marcado com uma grande luta pelos seus direitos continuam vivendo e ensinando seus conhecimentos.

2.4- IDENTIDADE TRADICIONAL

Na mesma época além dos povos Xokós muitos grupos étnicos ressurgiram e reafirmaram sua identidade tradicional indígena, retomaram seus rituais, costumes e tradições, como diz Dantas em um dos seus trabalhos sobre os xokós. Dantas (1997, p.23).

[...] Outros grupos de trabalhadores rurais nordestinos, descendentes de índios historicamente vinculados às antigas missões se articulam, reativam a identidade étnica e conseguem recuperar parte de territórios que estavam sob seu domínio em tempos passados.

A identidade tradicional indígena por mais “simples” que aparenta ser quando se é afirmada tem suas problemáticas e dificuldades de aceitação na sociedade. Porém não basta para um descendente apenas se afirmar como indígena para ter direito a essa identidade. Os critérios fenóticos não afirmam, mas a identidade indígena por conta da mestiçagem, o que dificulta mais para os descendentes reafirmarem sua identidade. Com base no livro tema de história e cultura indígena em Sergipe de Monteiro e Rodrigues, podemos compreender que certos elementos são essenciais para a autoafirmação de um grupo que vão à lei da pureza racial. Mota (2016, p.19) nos diz que:

[...] Temos visto e compreendido que quando uma comunidade se organiza em torno de seus antigos costumes ou costumes reinventados (HOBBSAWN,1997) e se reconhece como indígena, há necessidade de separação, tanto territorial como cultural, ou seja, de reagrupamento em um território definido como indígena, para que possa apropriar-se de terra, objetos, labores, tradições e objetivo.

Sendo assim fica a questão de como os descendentes que foram afastados dos seus costumes, e por conta disso se perdeu nas próprias próximas gerações, e o que resta por seus descendentes, são apenas histórias que seus avós e bisavós contam de um tempo distante, onde faziam parte dessas comunidades, mas que se perderam de suas tradições. A questão é como ficam esses descendentes? Eles podem afirmar sua identidade sem ser puros, sem ter língua, costume, terras e um povo? Já que para se autoafirmar indígena aparentemente necessita ter certos elementos e possuir um legado tradicional.

Podemos concluir que uma identidade tradicional indígena vem de elementos de legado deixado pelos ancestrais com os costumes, os conhecimentos, os rituais a espiritualidade que fazem identidade de um indivíduo que faz parte dos povos originários.

3- A REPRESENTAÇÃO DO POVO XOKÓ NO MUSEU DA GENTE SERGIPANA

3.1 MUSEU DA GENTE SERGIPANA (MGS)

De acordo com o site do próprio museu, o Museu da Gente Sergipana foi inaugurado em 26 de novembro de 2011, é um museu tecnológico de multimídia interativo, um dos principais no circuito turístico de Aracaju. Seu acervo é voltado a exposições das culturas materiais e imateriais locais com instalações permanentes e temporárias. Está instalado no antigo prédio do colégio Atheneu ou como popularmente conhecido o Atheneuzinho, foi restaurado pelo Banco do Estado de Sergipe (Banese). Além das suas exposições o museu também trabalha com diversas atividades de ação educativa, no seu interior também acontecem eventos, apresentações, entrevistas entre outros. É administrado pelo Banco Banese com parceira do Governo do Estado. O museu além dos seus espaços expositivos também possui mais dois espaços: o café da gente que mostra um pouco da culinária sergipana e a loja da gente. Sua localização fica no coração de Aracaju, no centro da capital na Avenida Ivo Prado, 398. Possui mídias sociais: Instagram, Facebook e Youtube para a divulgação dos seus conteúdos.

3.2- EXPOSIÇÃO DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Na sala de exposição intitulada Nossas Histórias a sala em forma de labirinto escuro, é dedicada aos contos dos cotidianos sergipanos nordestinos temos a exposição voltada aos povos originários de Sergipe. No lado direito na entrada do labirinto já se pode ver os objetos, logo depois os murais com os nomes de chefes das aldeias, nomes dos grupos e aldeias como também nomes de origem indígena e um mapa com algumas localizações em uma parede grande preta. Como podemos observar nas figuras 1,2 e 3.

Fotografia 1- objetos indígenas



Fonte: Vitoria Lima (2024 acervo pessoal)

Na fotografia acima, podemos observar alguns objetos pertencentes às comunidades Xokós e a Fulkaxos. Referente à fotografia 1

Fotografia 2 - moral de nomes.



Fonte: Vitoria Lima (acervo pessoal)

Na segunda fotografia temos presente algumas palavras de origem indígena, como: caju e jenipapo frutas encontradas na nossa região. Como também temos os nomes de grandes lideres indígenas, exemplo: Serigy e Aperipê. Referente a fotografia.

Fotografia 3 - mapa.



Fonte: Vitoria Lima (acervo pessoal)

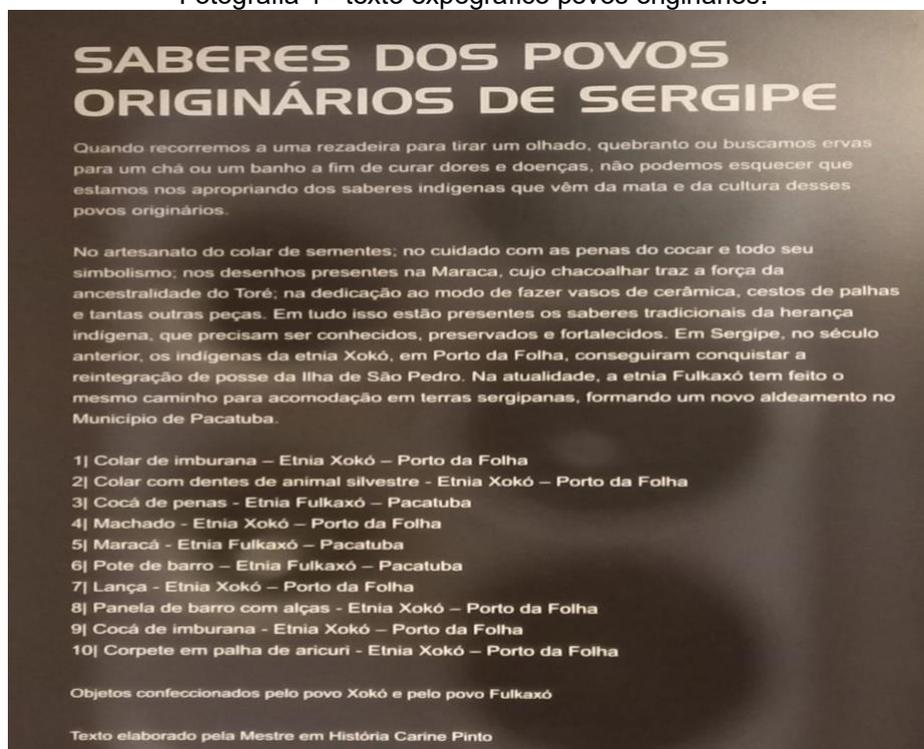
Na terceira temos um mapa com as duas comunidades xokó e fulkaxo, junto com nomes de grupos como aramuru e kaxapotó. Referente à fotografia 3.

Podemos ver nesse espaço dez objetos dos saberes dos povos originários, entre os dez três pertencem aos Fulkaxos e os demais a etnia Xokó. São peças de artesanato confeccionadas por esses grupos os seguintes objetos: 1º colar de imburana da etnia xokó de Porto da folha, 2º colar com dente de animal silvestre de etnia xokó, 3º cocar de penas, etnia Fulkaxo de Pacatuba, 4º machado etnia xokó, 5º maracá etnia Fulkaxo, 6º pote de barro etnia Fulkaxo, 7º lança etnia xokó, 8º panela de barro de alça etnia xokó, 9º cocar de imburana etnia xokó e 10º corpete em palha de aricuri da etnia xokó. Visível na fotografia 1.

Além de também ressaltar um pouco sobre os saberes e fazeres indígenas que foram sendo apropriados no cotidiano sergipano, como é dito no próprio exemplo dado na exposição que “quando recorremos a uma rezadeira para tirar um olhar, quebranto ou buscando ervas para um chá ou um banho a fim de curar dores e doenças”. São fazeres e manias do povo sergipano que vem das culturas étnicas do nosso território. A maioria pensa que os povos originários estão tão distante que nem percebe a influência deles no modo de viver e na cultura de Sergipe, seja nos saberes e fazeres, seja na espiritualidade e religiosidade, seja no modo de falar ou nas palavras ou em frase que são usadas na linguagem sergipana.

Eles estão presentes em quase tudo, são essenciais para a construção da cultura e da identidade sergipana.

Fotografia 4 - texto expográfico povos originários.



Fonte: Vitoria Lima (acervo pessoal)

3.3- A RELAÇÃO DO MUSEU COM A COMUNIDADE XOKO

O museu além da exposição dedicada aos povos originários com objetos doados pelas comunidades e outros comprados pelas instituições, possui uma relação próxima com as comunidades sempre realizando ações em parceria com elas, promovendo ações educativas nas datas comemorativas e de homenagem à cultura indígena como oficinas, brincadeiras para envolver as crianças, seja de visita escolar ou espontânea, promove rodas de conversa e palestras voltadas a importância da comunidade e sua história. Nesses momentos são apresentadas a dança Toré, as músicas, as histórias, troca de saberes e fazeres. Muitos exemplos destes momentos podem ser vistos no próprio Instagram do museu onde são promovidos todos os seus eventos incluindo os da participação dos povos originários de Sergipe. Segue imagem dos comunicativos do museu.

Post do documentário do povo Xokó sendo apresentado no Museu da Gente Sergipana, e post do internacional dos povos indígenas com aldeia fulkaxo.

Imagem 1- documentário Xokó.



Fontes: instagram- museudagentesergipana

Fontes: instagram- museudagentesergipana



Fontes: instagram- museudagentesergipana

3.4- A PRESENÇA DOS POVOS INDIGENAS NAS SALAS DE EXPOSIÇÃO DO MUSEU DA GENTE SERGIPANA

O museu possui sete salas e um grande corredor de exposição permanente no seu piso superior e uma sala no térreo e outras pequenas exposições no seu auditório e no hall de entrada. Nosso objetivo aqui é indicar quais referências indígenas podemos encontrar escondidas nos demais espaços, além da exposição explícita dos povos originários dentro do museu, e mostra como esse legado, essa identidade tradicional faz parte do cotidiano e da identidade sergipana.

Fotografia 5 - A feira do MGS.



Fonte: Vitoria Lima (acervo pessoal)

Fotografia 6 - produto da feira Louça morena.



Fonte: Vitoria Lima (acervo pessoal)

Ao entrar no museu, se atento ao olhar já podemos perceber objetos de origem indígena pendurados de frente a porta de entrada como também objetos de

outras culturas introduzidos a nossa. No caso dos povos originários neste local temos a exemplo um jereré (rede pesca), palhas e cestarias (prática de origem indígena e africana), a peteca (brincadeira e/ou esporte indígena). Vale ressaltar que aqui estão sendo apontados objetos de origem indígenas de vários grupos diferentes não somente os Xokós, e também objetos que podem fazer parte de outras culturas juntamente com a cultura indígena.

Assim, seguindo o trajeto de percurso de circuito do museu para a visita, subindo a escada temos o primeiro espaço expositivo à direita, “Nossas Feiras” onde fazem referências das feiras locais, lugar que podemos encontrar muitos objetos de origem indígena. Voltando a exposição, na feira pode-se ver objetos como a peneira de palha, vários exemplares de tamanhos diferentes, os abanadores de palha (palha e cestaria), cestos de cipó, cono (armadilha de peixe de bambu), as moringas de barro, louça morena grande e pequenas, as panelas de barro como na cultura xokó em sua cerâmica, novamente as petecas.

Passando pelo próximo espaço do museu temos o “Corredor Dos Falares” com palavras de uso e costume sergipanos entre elas podemos ver palavras que vem da origem tradicional indígena, como palavras de origem africana e portuguesa. Com isso, as palavras que podemos observar que já nos remete a uma origem indígena, por exemplo, no corredor dos falares temos Arupemba (peneira de fita de taquara), Gabiru (rato grande), Popocar (palavra tupi poka), Pindoba (fita da palha da palmeira), Puba (massa de mandioca), Saruê (gambá) e Teiú (lagarto). Essas são algumas das palavras do cotidiano sergipano de origem indígena.

Prosseguindo com análise ao adentrar a sala dos leitões onde falamos da fauna e flora sergipana e um passeio a barco, aqui poderia ser ligado aos indígenas pela ideia de conservação da natureza, porém não é nosso propósito aqui. A próxima sala que segue é a sala Nossos pratos e Nossas roças.

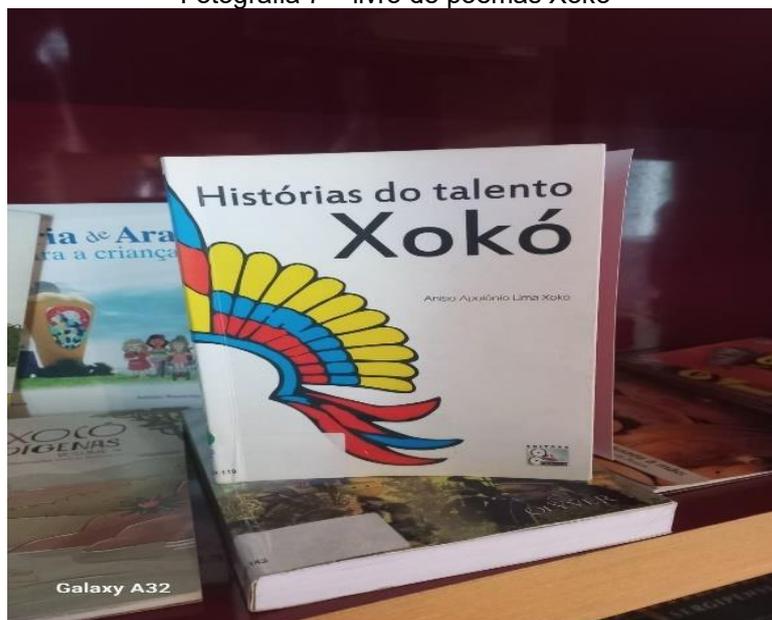
Nesse espaço temos um deslumbre da culinária típica sergipana, a qual será apresentada em uma mesa interativa que montará pratos típicos de Sergipe, entre esses temos pratos de origem indígenas como a Maniçoba (tipo de cozido da folha da macaxeira com carnes diversas) O caranguejo, como também o Guaiamum que eram muito consumidos pelos povos originários, Bolo de Macaxeira feito com leite de coco recurso muito usado pelos indígenas, o Pé de moleque de puba, os tipos de Beijus que também vem dessa origem utilizando os ingredientes principais na

culinária desses povos a macaxeira e o leite de coco. Além dos pratos temos a presença de outro jogo interativo que apresenta as Nossas Roças dividido entre agricultura e a pecuária, na agricultura temos as plantações de macaxeira e do milho.

Além disso, é notório a cozinha típica sertaneja a qual podemos ver elementos que já foram citados na Nossas Feiras, como a peneira de palha, moringa, panela de barro, abanador de palha, colher. Uma boa referência das cozinhas sergipanas.

Seguindo para o próximo espaço a MEDIATECA com a renda do tempo com marcos da história sergipana que inicia com a história dos primeiros povos originários e vários livros de várias tipologias, entre eles podemos ver alguns de referência indígenas adultos e infantis de vários gêneros, que se destaca é o livro Histórias do Talento Xokó.

Fotografia 7 – livro de poemas Xokó



Fonte: Vitoria Lima (acervo pessoal)

Passando para próxima sala Nossas Praças e seguindo para a seguinte a sala Nossas Histórias, onde temos a exposição dedicada aos povos originários que é o foco do trabalho em questão já citado acima.

Além desse espaço expositivo nessa sala temos outros expositores com elementos de origem indígena, como o espaço que fala da utilização e cultivo do

algodão que também eram utilizados pelos tupinambás, e o espaço das palhas e cestaria que é uma prática utilizada pelos povos originários.

Nossos cabras, Nossos marcos, Nossas festas, Nossas coisinhas são um conjunto de espaço que fala de figuras importantes da nossa história, momentos de marcos de Sergipe e suas festas de tradições que representam alguns dos objetos cotidiano sergipanos. Além disso, podem-se notar outras referências que também representam o indígena em Sergipe como: lambe-sujo e caboclinho, onde retrata o pertencimento que está relacionado através dos objetos e representados na instituição como “nossas coisinhas” como já referidos aqui. Exemplo, peneira de palha e panela de barro, também artefatos indígenas.

Na sala Seu cordel tem apenas um exemplar que remete a cultura indígena com um cordel que conta a história indígena exposto na parede cenográfica. Que na sua sala vizinha Seu Repete que de tudo nela nos lembra os indígenas é a cenografia de palha trançada. Por último e não menos importante a sala do mamulengo, grupo de teatro de bonecos que em meios aos seus objetos podemos ver exemplares da louça morena obra de cerâmica indígena.

Aqui vemos claramente como os povos originários, como também os xokós influenciam na cultura e no cotidiano do povo sergipano.

4- ANÁLISE DA EXPOGRAFIA

Antes de discorrer sobre o museu e sua exposição, seria interessante apresentar como funciona o processo para a elaboração de uma exposição e na escolha do objeto que será exposto para transmitir a ideia central para os espectadores e visitantes. Para tal fim, será utilizado o trabalho da escritora Marília Xavier Cury, que explicará como se realiza o processo de musealização. De acordo com Cury (2005, p.25), [...] A musealização, então, se inicia na valorização seletiva, mas continua no conjunto de ações que visa à transformação do objeto em documento e sua comunicação. Cury (2005, p.26) também nos diz que,

[...] Em síntese, entende-se o processo de musealização como uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. O processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu e completa-se ao apresentá-

lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e outras formas.

Compreendendo que para a realização de uma exposição passa por uma série de pesquisa e de análises até a escolha do tema para enfim chegar à escolha do objeto que também passa por uma seletividade onde define seu valor simbólico para que possa fazer parte de uma exposição, que ao adentrar no processo de musealização será analisado os objetos em exposição do Museu da Gente Sergipana que transmite o questionamento, ao escolher os objetos eles de fato transmitem a informação adequada, qual tipo de contexto está sendo repassado, qual contraponto a mensagem aborda a criticidade que o museu quer transmitir, em contraponto o museu realmente tenta representar os povos originários, contudo eles abordam apenas um dos conceitos da cultura, uma criação ideológica onde a exposição traz referências a um período da história desses povos, embora essa tradição não alcance a memória popular da melhor forma.

A exposição traz muitos elementos que representa os povos originários sergipanos, é uma ideia interessante, mas simples que poderia apresentar muito mais do que estar sendo mostrada, a exposição aparente está focada em apresentar um indígena do passado parado no tempo dos colonos.

Quando paramos para analisar outros museus que possuem uma exposição ou é totalmente voltado para o tema de povos originários, percebe-se que em sua maioria tem uma exposição parecida com a do Museu da Gente Sergipana, como uma representação de um povo distante parado no tempo. Um bom exemplo próximo do Museu da Gente Sergipana é o Memorial de Sergipe que possui uma exposição bem próxima da qual estamos analisando em questão de aspectos elementares, porém esta possui a presença de um vídeo em sua composição de ferramentas de expografia. Outro tipo de exposição é uma exposição onde não só mostra o momento do índio no termo “bom selvagem” de Jean-Jacques Rousseau, mas que também apresenta algo que traz os povos originários para dentro da sociedade, tirando o aspecto de um povo distante, mas que mostra como eles fazem parte da sociedade, da cultura e da identidade do povo brasileiro.

Como já foi dito, na entrada da sala à direita temos um espaço delicado aos povos originários e a esquerda tem o espaço que representa a cultura afro sergipana que diferente de outros museus sergipanos e do Brasil afora, que em sua maior

parte representa o período da escravidão com objetos de tortura. No Museu da Gente Sergipana o espaço foca em outros aspectos da cultura afro e da negritude sergipana mostra como é presente na cultura sergipana com alguns personagens importantes da cultura afro de Sergipe como também na identidade sergipana, um bom exemplo de uma ótima exposição, como poderia ser do mesmo modo para a melhoria no espaço vizinho ao qual está sendo discutido.

Refletindo sobre isso, seria interessante manter o que já tem que representa uma parte da história e trazer novos elementos, ressaltar os que já possuem, exemplo o corpete em palha exposto no nicho, que é parte de um vestido de casamento tradicional, seria interessante ressaltá-lo e trazer um pouco da história do casamento e do ritual por trás de um casamento tradicional indígena e todo o processo ligado ao objeto. Outra ideia seria trazer a dança toré, o ritual Ouricuri, que conta a história de luta do Xokó e seu retorno com a festa da retomada, trazer mais da etnia Fulkaxo que agora é o segundo grupo étnico de Sergipe e o primeiro com uma reserva indígena. Poderiam utilizar de pequenos textos, imagens, QR Code, tela de exposição como foi utilizado na exposição de 150 anos da cidade de Aracaju feito pelo Museu da Gente Sergipana. Por fim buscar maneiras de trazer esses grupos para a realidade da nossa sociedade, e apresentá-los como membros importantes da cultura sergipana.

5- CONCLUSÃO

Diante disso, podemos declarar que a pesquisa buscou apresentar a identidade e o legado xokó dentro dos espaços do Museu da Gente Sergipana, fazendo um estudo da exposição principal da cultura indígena sergipana e complementando com os demais espaços de exposição, ao analisar a maneira como a exposição está sendo exposta, e o que está comunicando para o público, e mostrando elementos de dentro do museu que podem mudar essa narrativa. Além disso, conseguimos entender os contextos históricos desses povos como era a relação social e como a influência deles está presente no cotidiano. Por fim este estudo coopera com a visibilidade da importância dessas comunidades para a cultura e identidade social e abre caminhos para novos tópicos a serem explorados dentro do museu sobre esse tema.

6- REFERÊNCIAS

Livros:

CARVALHO, Fernando Lins de. A pré-história sergipana. Aracaju. Museu de arqueologia da Universidade Federal de Sergipe. 2003.

CURY, Marília Xavier. Exposição concepção, montagem e avaliação. Novembro de 2006. ed. São Paulo: Annablume. Ed.,2005.

DANTAS, Beatriz Gois. POVOS INDÍGENAS EM SERGIPE:CONTRIBUIÇÃO À SUA HISTÓRIA. Aracaju: criação. Ed.2024.

DANTAS, Beatriz. Gois. Xokó: Grupo Indígena em Sergipe. Ed, Aracaju: Gráfica Opção, 1997.

FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. HISTÓRIA DE SERGIPE. Rio de Janeiro. Ed, CHESF. 1891.

MONTEIRO, Diogo Francisco Cruz.; RODRIGUES, Kleber. Temas de historia indígena em Sergipe. Aracaju: infographics, 2016.

Dissertação:

QUEIROZ, Angelita. A FESTA DA RETOMADA: Uma Celebração Identitária de ser XOKÓ na Ilha de São Pedro – Porto da Folha/ SE. 2020. Dissertação (Mestrado em Culturas Populares) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

SANTANA, Pedro Aberlado. Aldeamentos indígenas em Sergipe Colonial: subsídios para a investigação de Arqueologia Histórica. 2004 Dissertação (Mestrado em Concentração: Formas e processos tradicionais de ocupação do território brasileiro: Estudos Arqueológicos) – Universidade Federal de Sergipe, Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos,2004.

Site:

Anaind.org.br. Etnia Fulkaxó celebra criação da primeira reserva indígena de Sergipe. 2024. Disponível em: <https://anaind.org.br/noticias/etnia-fulkaxo-celebra-criacao-da-primeira-reserva-indigena-de-sergipe/>. Acesso : 2025.

Museudagentesergipena/Institutobanese. Museu da gente sergipana. Arcaju-SE. Disponível em: <https://www.museudagentesergipana.com.br/>. Acesso: 2025.

Seagri.se.gov.br. Grupo indígena Fulkaxó passa a ter terra oficial em Pacatuba SE. Aracaju-SE. 2024. Disponível em: <https://seagri.se.gov.br/grupo-indigena-fulkaxo-passa-a-ter-terra-oficial-em-pacatuba-se/>. Acesso: 2025.